



## Oferta sofre com ausência de produtores

A oferta de alimentos em território alagoano, explica o economista Cícero Péricles, professor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), sofre com as ausências de mais polos produtores dinâmicos, como os existentes em torno de Arapiraca e, em menor escala, de União dos Palmares, na Zona da Mata.

"A agricultura produtora de alimentos não tem a força necessária para atender às demandas estaduais e, menos ainda, de participar do mercado nordes-

tino. Como somos uma região pobre, o peso dos alimentos nos rendimentos mensais é muito mais expressivo que nas áreas e segmentos mais ricos", reforça o professor.

Ele lembra que o Índice de Preços ao Consumidor, medido pela Secretaria de Planejamento de Alagoas (Seplane), em pesquisa mensal, coloca os gastos alimentares como responsáveis por quase metade das despesas familiares de quem reside em Maceió.

A inflação, acrescenta o

pesquisador, não é igual para todas as regiões ou segmentos de renda. "Uma família com salário mínimo, gasta mais da metade do dinheiro neste item; por sua vez, quem recebe mais de 10 salários mensais reduz esse gasto, proporcionalmente, para menos de 20%, mesmo consumindo mais que a de baixa renda", completa.

Ele avalia que os preços alagoanos estão na média dos outros estados da região porque, nestas últimas décadas, o mercado

nordestino ficou muito conectado com as redes de estradas asfaltadas, com as melhorias das telecomunicações, que aproximaram produtores, rede de intermediários e comerciantes.

"Os produtos *in natura* oscilam sempre de preços porque dependem muito do período da safra e, claro, do clima. Época de seca ou cheia afetam suas produções, como agora no Sudeste. Por outro lado, a demanda por alimentos continua aquecida", complementa. **MM**